

A Herança dos Milagres – Arte, Património e Cultura. Os Ex-votos no Santuário de Nossa Senhora de Balsamão

Maria da Graça RODRIGUES¹

Ricardo NAITO²

*“Rico Senhor dos Milagres,
Nossa estrada pedras tem,
Se não fizesses milagres,
Não vos ia ver ninguém.”³*

Resumo:

O Santuário de Nossa Senhora de Balsamão incorpora o espírito do santuário barroco por excelência, inserindo-se por isso no contexto de uma cultura de romarias que, avulsa em peregrinos, produz um inevitável conjunto de manifestações de cariz simbólico-religioso, resultantes das práticas piedosas que pretendem a aproximação do homem à divindade: uma herança que chega até nós e em que se integram os ex-votos, os “milagres”, que a seu tempo foram aparecendo nas capelas à medida que “aqui e ali” ecoavam rumores de prodígios sobrevivendo do apelo a uma imagem milagrosa.

É esta a história que se confirma em muitos dos santuários portugueses, é esta também a história que se confirma no Santuário de Balsamão.

Palavras-chave: Santuário, Romarias, Ex-votos.

Abstract:

The Sanctuary of our Lady of Balsamão incorporates the true spirit of the Baroque Sanctuary, inserted in a context of pilgrimage culture that swelled in pilgrims, produces a inevitable set of demonstrations with symbolic-religious countenance, resulting in pitiful practising habits that pretentiously intent to approach man to divinity: an heritage that arrived to us and which integrates ex-votos, the "miracles", that in the course of time appeared in the chapels to the extent that rumours of wonders echoed outgrowth by the appeals to a miraculous image.

¹ Licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
mgrace.rodriques@gmail.com

² Licenciado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ricardonaito@hotmail.com

³ Manuel Cadafaz de MATOS, «Para uma Antropologia (Cultural) da Música Popular, da literatura oral e da crença divina na orla marítima do Douro litoral, do Minho e da Galiza». In *Actas de colóquio «Santos graça» de etnografia marítima*. Vol IV, Póvoa de Varzim. Norte Editora, 1986. *Apud* Sandra de Araújo Monteiro MONTEIRO, *Ex-votos Memórias de Gestos*. Tese de mestrado em Antropologia. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2001 (texto policopiado), p.11.

This is the story that is confirmed in many Portuguese sanctuaries, and that is also the story confirmed in the Sanctuary of Balsamão.

Key-words: Sanctuary, Pilgrimage, Ex-votos.



Fig.1 Altar com ex-votos, xilogravura do séc. XVIII. Imagem: BND.

A Pintura popular votiva na historiografia da arte portuguesa⁴

A historiografia da arte portuguesa em geral negligencia a arte popular como género independente. Considera-a num eixo hierárquico sustentado pela arte erudita de que se apresenta subsidiária e subalterna. Este estatuto dependente desatende às condições particulares de produção que a autonomizam.

As obras de referência para o período barroco, a que reporta a arte popular votiva em consideração, omitem praticamente o tema. É necessário socorrer-mos de bibliografia estrangeira para encontrar ensaios que a resgatem do núcleo da antropologia, evidenciando-a enquanto fenómeno artístico representativo do seu período de produção.

À Antropologia se deve, pelas mãos de Rocha Peixoto⁵, a suspensão do silêncio a que se

⁴ Agradecemos a disponibilidade e o apoio concedido por António Martins, Carla Silva, Hugo Crespo, Isabel Lopes, Lécio da Cruz Leal, Lília Pereira Silva e pelos Marianos da Imaculada Conceição.

remetia o tema e, posteriormente, seria necessário volverem-se largos anos para que se voltasse a versar, com seriedade, sobre a matéria. Salvaguardada a utilidade e interesse das abordagens, importa despertar a História da Arte para uma posição mais interventiva, uma vez que cabe a esta disciplina a abordagem histórico-metodológica dos parâmetros de produção e usufruto da arte numa perspectiva global.

Aos estudos da arte do Barroco em Portugal pouco se deve neste campo, no entanto apresentam-se aí os elementos didácticos de suporte à produção artística que lhe diz respeito. O milagre e o triunfo são enunciados na génese da maioria das obras barrocas, constituindo por isso um elo de ligação que congrega a arte em geral deste período.

Os ex-votos pictóricos, na sua maioria do século XVIII, distinguem-se neste contexto como a imagem individualizada do milagre e do triunfo que advém da sua concretização. São especificamente artefactos memorativos dos *Marabilia Dei* que por meio da imagem impelem a gestos idênticos de entrega e gratulação. providas

As formas de representação e narração de prodígios que neles se conhece, valeu-lhes a denominação popular de “milagres” e insere-os na pretensão tridentina da arte didáctica, ainda que se teçam em contornos pouco ortodoxos aos olhos da religião dita “oficial”.

Quanto à sua génese significado e utilidade, embora seja alargada a oferta de definições concedidas pela actualidade, convém reverter ao tempo de produção e de construção material e mental dos artefactos em consideração, a fim de melhor compreender a extensão que deles se retirava no contexto original.

Em 1721, no *Vocabulário Portuguez & Latino*, Raphael Bluteau designa-os da seguinte forma:

“*Voto. O que se pendura no altar de hum Santo em agradecimento da mercè recebida, & em satisfação do voto que se fez [fig.1]. Ha votos de cera, de prata, & c. ha votos em quadros (...) chamaràs ao quadro, ou paynel, que se offerece por voto. Tabula, ou Tabella picta, votiva (...)*”⁶

É bastante mais alargada a variedade material de ex-votos do que aquela que apresenta Raphael Bluteau. No entanto, são estas *Tabulae* que nos interessam sobretudo abordar – esses registos do Milagre, anais da vida das gentes comuns.

Longe dos programas rígidos a que estava submetida uma pintura erudita – na dependência

⁵ Rocha PEIXOTO. «Etnografia Portuguesa: Tabulae Votivae». In *Etnografia Portuguesa*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1990 (1.ª ed. 1906).

⁶ Raphael BLUTEAU. *Vocabulario Portuguez & Latino*. Tomo VIII, Lisboa, 1721, p. 582.

das instruções dos teólogos, através das quais o artista sujeitava a sua liberdade criativa à ilustração do dogma – a pintura ex-votiva, de aparência prosaica, debate-se na “luta pela expressão”. Para a submeter, traça “receitas figurativas” que agilmente demonstram o valor taumatúrgico das imagens protectoras dos voventes. A sua função volve-se essencialmente de expiação, anúncio e missionação, contribuindo para a persistência de um misticismo que ilumina esta arte.

Balsamão: Santuário e Devoção

O Santuário de Nossa Senhora de Balsamão dista cerca de quatro km da Vila de Chacim. De construção maioritariamente do século XVIII, o complexo apresenta vários elementos constitutivos referentes a contínuas campanhas de beneficiação a par de vestígios de heranças anteriores.

Edificado numa colina, ergue-se como conjunto arquitectónico de representação do Sacro Monte, como espaço de devoção ao Cristo Crucificado, evocando a imagem do Calvário, do lugar derradeiro do sacrifício ou de um ermo de revelação.



Fig.2 Vista Aérea do Convento de Balsamão.
Foto: Site oficial dos Marianos da Imaculada Conceição.

Em memória da caminhada ascensional de Cristo até ao Calvário, a arquitectura mistura-se com a Natureza numa *Via Crucis* demarcada com capelas alusivas a alguns passos da Paixão, desde a agonia no horto – na base da colina, junto ao olival – à Crucifixão – no topo, junto à Igreja.

No conjunto, a par da Igreja de Nossa Senhora de Balsamão destaca-se a Capela dos Cajados, assim designada tendo em conta a antiga prática da deposição dos cajados como

símbolos das promessas dos pastores e romeiros em honra do Senhor dos Passos.

Recolhidos no Museu do Convento de Balsamão, lado a lado com peças de incontestável valor plástico e artístico, encontramos hoje um conjunto de vinte tabuinhas de “milagres”⁷, pintadas ao longo dos séculos XVIII e XIX, que reconhecem a devoção local a esta e a duas outras figuras chave: Nossa Senhora de Balsamão e Frei Casimiro. Cada uma delas regista uma etapa diferente da memória feérica e histórica local.

A Senhora do “Bálsamo-na-mão” é a figura central de uma lenda remetida para o período da reconquista cristã em que assenta a fundação de um ermitério naquele lugar. A sua instituição é a imagem primeira do voto ali cumprido, testemunhando, segundo a lenda, a promessa empreendida à Virgem pelas jovens locais que, sob o jugo mourisco, sentiam gravemente o peso do humilhante imposto das donzelas tributado pelos mouros.⁸

O Senhor dos Passos, que a tradição popular ali designou como o Senhor da Costa de Balsamão – tendo em conta a localização da capela que encerra a imagem, na encosta do cabeço de Balsamão –, aparece envolto na configuração espacial do santuário de peregrinação de génese barroca. A partir dos depoimentos de alguns padres Marianos⁹, pensamos poder apontar a origem do circuito de capelas nele integrado para a primeira metade do século XVIII, na dependência da provisão régia de D. João V de 1733¹⁰.

Por último, Frei Casimiro é figura central da implantação da Ordem dos Marianos da Imaculada Conceição em Portugal em meados do mesmo século (1754/55): uma personagem

⁷ Estas pinturas foram anteriormente alvo de um estudo de carácter geral realizado pelo Padre Belarmino Afonso, a par com ex-votos de outros locais de culto do distrito de Bragança. Cf. Belarmino AFONSO. *Ex-votos e Religiosidade Popular no Distrito de Bragança*. Ed. Região de Turismo do Norte Trasmontano, Bragança, 1995.

Não podemos questionar o valor deste trabalho, contudo, sobre as tabuinhas de Balsamão, foram retiradas algumas considerações que carecem de testemunho. Mesmo algumas conclusões gerais terão de ser revistas à luz de novos contributos, pois, como o próprio autor revela, a sua recolha não terá sido exaustiva. Mediante este panorama, será necessário aguardar os resultados do inventário artístico da Diocese de Miranda-Bragança para acertar qualquer informação dessa amplitude. Só posteriormente, decorrendo desses novos contributos, será possível realizar os devidos estudos a partir de abordagens específicas, de modo a ressaltar o autêntico valor histórico-artístico que as peças encerram no quadro particular que lhes deu ser.

⁸ Cf. Agostinho de SANTA MARIA. *Santuário Mariano*. Tomo V, Livro II, Oficina de António Pedroso Galvão, Lisboa, 1716, pp.594-597.

⁹ “havera vinte annos, se fundou a congregação dos supp.tes com consentimento de sua Magestade que Deos goarde e com o consentimento do senado da camera desta villa, nobreza, e povo emtrando na dita congregação, clérigos, e leijgos em cujo principio se trtavam como recolitos terceiros de são Francisco, e dese tempo enthe o presente tem feijto grande augmento tanto na igreja como digo do mesmo cabeço de Balsamão, como nas cazas junto a mesma igreja como na cerqua reteficando tudo de novo com grande despesa e coriosidade tanto assim que a dita jgreja he hum dos melhores templos que tem esta Província, como tão bemfeijto sete capellas com as figuras da Sagrada paixão de Chrijsto Senhor Nosso [...]”. 8 de Fevereiro de 1756. Cf. Padre Frei Aleixo de S. Octaviano FISCHER, *Protocolo da Ordem Mariana da Imaculada Conceição*, Balsamão, 1756-1783, fl. 41.

¹⁰ Cf. A.J. de S.V.. *Memórias acerca de Balsamão*, p. 29. *Apud* Henrique de Campos Ferreira LIMA. «Frei Casimiro de S. José Wyszynski (Polaco). Introdutor da Ordem dos Marianos em Portugal». Separata do Tomo 2º, in *Revista de Arqueologia*, Lisboa, 1936, p. 7, nota 3.

sublimada que desde logo entrou para o povo nas fileiras dos intercessores, dos medianeiros das graças, dos advogados das causas¹¹.

A envolvência lendária em que surge o ermitério de Balsamão ditou desde cedo um longo percurso ligado ao milagre, estigmatizando-o como lugar de culto, como lugar escolhido à imagem de tantos outros locais de revelação que originaram pequenas capelas, ermitérios e santuários nas serranias e nos morros. A lenda confere ao lugar um carácter especial, nacionalista, porque traz à terra o auxílio dos céus para a vitória de uma batalha empreendida contra o infiel, cruel invasor. Da vitória resultaria a sagração da mesquita ali estabelecida e a sua substituição por um templo cristão¹² efectivando-se, assim, um ex-voto colectivo.

O conflito deu lugar à paz de um espaço santificado onde o milagre permaneceu como génese da obra, revestindo paulatinamente as paredes e os altares das capelas de cores e de formas simples, mas sugestivas, tecidas à sombra da devoção, para dar testemunho dos sacros prodígios a quem por ali passar.

Génese, realização e consumo dos “milagres”

Os “milagres” de Balsamão, enquanto produto do espírito religioso, devem entender-se no contexto ritual em que se inscrevem, uma vez que é aí que residem os alicerces da sua concepção.

A motivação para a sua criação, de forma sucinta, corresponde a uma incapacidade do devoto perante as adversidades. Essa circunstância leva-o a comprometer-se com Deus por meio de um voto particular, intercedido pela figura de Cristo, da Virgem e dos Santos. O pagamento da promessa é manifesto posteriormente numa existência concreta, que constringe a relação estabelecida com o sagrado e irradia o motivo da gratificação.

Os santuários, em dia de procissão e romaria, promovem a ambiência apropriada à entrega do ex-voto. Para ali se deslocam os homens guiados pela Fé, em clima de festividade, atraídos pela fama dos santos no imaginário religioso do seu tempo. A importância do local consubstancia-se com a génese do voto e assim, no essencial, agrega as condições necessárias para a objectivação das demonstrações votivas.

O Santuário de Nossa Senhora de Balsamão, conta a tradição, é desde tempos antigos local de peregrinação. Uma vez que recriar a História passa por realizar uma viagem às fontes, procurámos recolher os depoimentos que confirmam a devoção de romeiros dentro dos limites

11 Francisco Manuel ALVES. *Bragança: Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Vol. VII. Câmara Municipal de Bragança, Bragança, 2000, pp. 595-596.

12 Cf. Agostinho de SANTA MARIA, *op. cit.*, p. 597.

cronológicos em que se inscrevem os objectos em estudo.

Logo no início do século XVIII, o Padre António Carvalho da Costa, clérigo do hábito de S. Pedro, ao descrever a *villa de Chacim* com relativa minúcia, menciona a existência de cinco ermidas, das quais distingue unicamente a *da invocação de Nossa Senhora de Balsamão*, ocupada por *huma Confraria geral de cem Clérigos*, a qual era *frequentada de romeiros*¹³.

O testemunho mais importante, porque informa sobre a devoção e os “milagres” do monte de Balsamão, verifica-se na obra de Frei Agostinho de Santa Maria¹⁴, vigário geral da congregação dos Agostinhos Descalços em Portugal. Apesar de observar aspectos da lenda e história deste santuário mariano¹⁵, interessa reter apenas as palavras que escreve sobre a devoção *Da Imagem de N. Senhora de Balsamão* e dos muitos “milagres que fez”:

*As maravilhas, & milagres que a Senhora de Balsamão obra são infinitos, & supposto que são poucos os sinaes, que se vem delles, como são quadros, & peças de cera, he por falta de haver quem os sayba fazer: ha algumas mortalhas, & houvera muytas cousas mais desta qualidade, se houvera mais curiosidade, ou costume. Porém ainda sem os sinaes, que servem de excitar a memoria, se referem muytos prodígios, porque foraõ muytos os alejados, que cobrãrãõ perfeytissima saúde; cegos, & outros enfermos de varias enfermidades, que recorrendo à Senhora cobrãrãõ, pela sua intercessãõ, tudo o que pediaõ.*¹⁶

Finalmente, em 1763, o Padre João Baptista de Castro, na segunda edição do seu *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, acrescenta ao capítulo referente às Imagens milagrosas de Maria Santíssima veneradas no reino de Portugal, a notícia¹⁷:

A estas milagrosas imagens se deve ajuntar a que se venera o termo da Villa de Chacim com o título da Senhora de Balsamaõ, por ser Santuário muy frequentado

¹³ Cf. Antonio Carvalho da COSTA, *Corografia Portugueza*, Tomo I, 2ª Edição, Typographia de Domingos Gonçalves Gouveia, Braga, 1868-1869, pp. 417-418. (1.ª ed. 1706).

Em meados do século, o Padre Luís Cardoso da Congregação do Oratório de Lisboa, mantém as mesmas referências sobre o Santuário de Balsamão, contudo, acrescenta a devoção das restantes quatro hermidas, a saber: *N. S. do Desterro, que antigamente foy Igreja Matriz desta Villa; S. Sebastião; outra do S. Christo do Amparo, que não há muitos annos foy da invocação de S. Caetano, e algum tempo se chamou a Capella de S. Catharina, e antigamente a Senhora da Torre [...] outra de S. Gens, na quinta do Mourelinho*. Cf. Luís CARDOSO, *Diccionario Geografico*, Tomo II, Oficina Sylviana, 1751, pp. 621-622.

¹⁴ Convém notar que o alcance dos dez volumes do seu *Santuário Mariano*, publicados entre 1707 e 1723, não se esgota nas notícias dos templos marianos e respectivas existências ex-votistas do reino de Portugal, mas depreende um significado mais profundo para o estudo da cultura no largo tempo do barroco.

¹⁵ Cf. Agostinho de SANTA MARIA, *op. cit.* pp. 594-599.

¹⁶ *Id. Ibidem*, p. 598.

¹⁷ João Baptista de CASTRO, *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*, Tomo II, 2ª Edição, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Anteno, Lisboa, 1763, pp. 238 – 251.

*de toda a província Transmontana, cujos devotos recorrem com fé a esta veneranda, e formosa imagem da Senhora pela experiêncja dos prodígios, que ella lhes faz continuamente (...)*¹⁸.

Destes breves apontamentos, e de outros que iremos abordar neste artigo, depreendemos a existência de uma forte concorrência de peregrinos ao santuário, contudo, a existirem, não encontrámos quaisquer outros documentos para confrontar com estas informações.

A grande afluência de peregrinos, ao contrário do que se tem fixado, não é por si só representativa de condição equivalente em termos de produção e oferta de ex-votos. As escassas referências que encontrámos, em relação a uma leitura material destes “milagres”, colocam-nos perante algumas questões, nomeadamente ao nível da produção e do processo de encomenda. Os entraves que se lhes colocam, como adiante veremos, desmistificam a imagem fixada sobre a facilidade no acesso a este tipo de objectos que se criou sobre o engodo de um chavão: “arte e religiosidade popular”.

O milagre pintado

Apesar de assentarem sobre determinações particulares, os ex-votos de Balsamão não deixam de ter características comuns com a generalidade da pintura votiva.

Manifestação de uma estética popular, o ex-voto pictórico aparece como elemento alheio ao discurso conceptual de cariz intelectualizante. O seu vocabulário, ponderado na orla de um espaço mental que vive do concreto, articula-se, sobretudo, na imagem – reflexo rápido, acessível e descritivo dos factos – viável à “leitura” tanto pelos “simples” como pelos “ilustres” que visitavam as capelas dos santuários.

A simplicidade imposta nos traços que o compõem apresenta-se como imagens simétricas do seu tradicional universo produtor: periférico, simples e sugestivo. Ocupa por isso um espaço significativo no domínio dos estudos antropológicos, uma vez que permite a análise do homem enquanto membro de um grupo, moldado ao sabor da história, da religião, da sociedade, da sua filosofia particular e da sua linguagem.

Divididos entre a expressão pictórica e escrita, os “milagres” apresentam-se como fontes iconográficas fundamentais, e por vezes únicas, para o estudo das mentalidades: são classificados como “crónicas” de um estrato social emudecido que entra no recato das consciências.

¹⁸ Id. *Idem*, Correções, e Adições. A adição é referente à página 240 da obra, perfazendo um total de 37 imagens de Nossa Senhora referenciadas.

Neles se representam espaços de intimidade e imagens de um quotidiano, tematicamente colocados à margem da produção pictórica vanguardista do seu tempo. São histórias de angústia, de desespero e de fé, tecidas mediante os recursos de que cada um dispõe com o propósito primeiro de cumprir o voto, de dar voz ao milagre e de o fazer público.

De feição ingénua, a composição enuncia a encomenda a um pintor local, a um vizinho ou, quem sabe, uma autocriação.¹⁹ Testemunham-no a comum ausência de perspectiva, que resulta num articulado de linhas tendencialmente rígidas na sua posição perpendicular ou paralela aos planos do quadro; o uso frequente de padrões e de cores primárias e uma preparação dos suportes deficitária ou inexistente, desvendando assim a falta de qualificações de um artista evidentemente sem preparação académica.

A permanência destes aspectos apresenta-se qualitativamente variável, o que permite apontar alguma qualidade nos ex-votos da colecção do Convento de Balsamão. Ressalvam-se, a exemplo, apontamentos de franco preciosismo nos drapeados das vestes de Frei João de São Pedro (fig. 3) e na utilização, nesta mesma tábu, de uma paleta de cores que revela alguma habilidade e destreza por parte do pintor.



Fig.3 Ex-voto dedicado ao Senhor dos Passos pelo Frei João de São Pedro. Pintura sobre Madeira.

Embora no clérigo seja evidente uma desproporção dos membros superiores em relação ao resto do corpo, as suas vestes levantam questões interessantes em termos visuais: delas se depreende o zelo deferido na figuração do personagem em detrimento da figura do Senhor da Costa, cujo tratamento de panejamentos revela algumas dificuldades. A aparência da massa humana sob a alva adivinha-se disforme pela ausência quase total de registos de profundidade

¹⁹ Fina PERES, «Los Exvotos Pintados em Catalunya». In A.A.V.V., *La Religiosidad Popular, Antropologia e Historia*. Vol. III, Editorial Anthropos, Barcelona, 1989, p. 438.

e contorno de correspondência com os membros inferiores.

A vulgar aplicação de modelos ou de padrões neste tipo de pintura devocional pode ser apresentada como justificação para este desajuste. Impõe-se questionar a possível utilização de uma gravura ou pagela, de uma outra pintura de maior destaque ou mesmo um ex-voto como modelo de representação figurativa. Verifique-se que a imagem de Frei João, noutra contexto, poderia perfeitamente dar corpo a qualquer personagem hagiográfica em adoração.

Em termos de organização do espaço e de narratividade, os painéis gratulatórios gerem-se por parâmetros de eficácia e clarividência, por meio de linhas que se foram tornando comuns a partir de procedimentos continuados de “decalque” estrutural e formal. A banalização das formas de representação derivou desinteressadamente num “cânon” fixado, essencialmente bipartido, que coloca a gratulação entre a imagem e a palavra.

No campo adstrito à imagem, a exposição conquistou as suas regras. Demarcam-se as áreas de encenação do humano e do divino que se encontram sem todavia se misturarem, separadas pela condição e igualmente pela representação.

A resplandecência dos corpos, a sua elevação em relação ao substrato humano ou a utilização de meios visuais de sublimação como a nuvem – escora celeste das imagens de revelação – são algumas das condições gerais de delimitação dos dois estratos. Alguns exemplares, no entanto, resguardam-se desses paradigmas de elucidação e condicionam o transcendente ao convénio amargurante dos miraculados, humanizando-o.

O espaço concreto reservado ao texto é o espaço da confirmação e da credibilização. Nele se reconta a acção que a imagem fornece potenciando-a acima das suas limitações técnicas e da habitual carência de juízos de valor estético. Projecta-se assim a realidade individual para o fruir público da comunidade que pela legenda dispõe de notas elucidativas da acção: no nome do beneficiário da graça e no nome do concessor, na explanação da mercê e na data de ocorrência, quando presente.

A importância concedida ao texto concretiza-se plenamente num raro exemplar que dispensa a imagem e dá lugar a um harmonioso exercício caligráfico recolhido a uma cartela de desenho *rocaille* (fig. 4), de formas agitadas, de movimentos assimétricos e ondulantes inspirados na ambiência fantasista da talha²⁰.

²⁰ Embora sem assinatura, Belarmino Afonso sugere ser criação de Manuel Fortuna – pintor que diz ter realizado o tecto da Igreja de S. Bento, e ter *trabalhos também na cidade de em Miranda do Douro e Sendim*. Estas informações foram-lhe passadas por Geraldo Coelho Dias e a António Rodrigues Mourinho. Cf. Belarmino AFONSO, *op. cit.*, 1995 p. 32.



Fig.4 Ex-voto dedicado ao Senhor da Costa de Balsamão por Maria de Morais Fortuna. 1777. Pintura sobre Tela.

A coloração branca e azul utilizada na tela atrai-a para a proximidade das artes decorativas, nomeadamente do azulejo, onde a escrita, acondicionada, intervém como elemento acessório da pintura. A função complementar da escrita é aliás uma das particularidades emanadas do Barroco, bem como a intersecção dos vocabulários adstritos às diferentes modalidades da arte deste período.

Ainda no que se refere á escrita, na extensão particular dos ex-votos, a articulação do discurso socorre-se, não raras vezes, de topónimos que enfatizam o traslado de termos gradualmente familiarizados com a pintura das *tabulae votivae*, que criaram sistemas eficazes de exposição. “Milagre que fez”, ou o simples acrónimo M.Q.F., é a formulação mais correntemente utilizada na abertura do discurso, achando-se presente em doze dos exemplares de Balsamão. Dela deriva a intitulação de “milagres” a estas imagens de devoção.

Na contraposição, comparece em Balsamão uma tabuinha em que a imagem transcende as suas linhas de reserva para ocupar também o lugar do texto (fig. 5). A transmissão sustentada apenas na imagem, certifica a condição restrita a que estavam associadas a escrita e as práticas de leitura. Considere-se que, no período a que corresponde, a taxa de alfabetização apresentava um diminuto valor percentual, sobretudo entre os estratos sociais mais desfavorecidos e ligados à vida rural, em que se inclui votantes e pintores.



Fig.5 Ex-voto dedicado a Nossa Senhora de Balsamão. Pintura Sobre Madeira.

De salientar ainda que, mesmo entre alfabetizados, a escrita e a leitura assumem um carácter essencialmente funcional, estando por isso condicionada a qualidade e uniformidade da redacção.

A ausência de jogos de perspectiva e volumetria, bem como a falta de virtuosismo no traço, expedem a dita pintura para um esquematismo simbólico. O leito da doente, a título exemplificativo, é volumetricamente inexistente, servindo exclusivamente para clarificar a condição enferma da presumida postulante. A descrição é desta forma reduzida ao essencial, dispensando as componentes meramente decorativas que transportariam o modelo do mobiliário ou a disposição do espaço doméstico envolvente.

Entre o sóbrio e o pitoresco, destaca-se na imagem a vivacidade das cores, imputáveis ao gosto de uma cultura popular ou à inexperiência da construção cromática, reduzida aqui, como em muitos outros “milagres”, ao vermelho, azul, amarelo, branco e ao preto.

A exoneração do supérfluo depende, não raras vezes, da indisponibilidade do saber técnico do autor. Atesta-se isso no ex-voto oitocentista oferecido por João Batista de Grijó (fig. 6), no qual todo o espaço disponível é ocupado pela figuração do beneficiário do milagre. A ausência da entidade sobrenatural é preenchida pela importância concedida à adversidade e mormente ao milagre que a subjugou.



Fig.6 Ex-voto dedicado a Nossa Senhora de Balsamão por João Baptista de Grijó. 1802. Pintura sobre madeira.

Tematicamente, embora os *ex-votos narrativos* se produzam como testemunho de múltiplas contrariedades, as tabuinhas de Balsamão ilustram sobretudo casos de doença: adequam-se por isso à classificação de *ex-votos médicos*²¹ que, em conformidade, apresentam uma incidência na representação do espaço comum que é o quarto (fig. 7).



Fig.7 Ex-voto dedicado a Nossa Senhora de Balsamão por D. Rosa Leonor. 1766 (?). Pintura sobre Madeira.

A particularidade deste teor de representações permitiu já o levantamento de um considerável número de apreciações acerca dos mais variados temas. Estudos incidentes em amostras mais alargadas deste tipo de artefactos trouxeram contribuições para a construção de uma história

²¹ Cf. Luís CHAVES, *Arte Popular dos Exvotos...* p. 7. Apud Agostinho ARAÚJO, *A Pintura Popular Votiva do Século XVIII (Algumas reflexões a partir da colecção de Matosinhos)*. Porto, 1979, p. 14.

das doenças, uma história do mobiliário ou de uma história da moda através da imagem²². Como mais valia, a reciprocidade dos estudos permite, nos casos em que as pinturas não se encontram datadas, inseri-las numa linha cronológica com recurso à databilidade das linhas do mobiliário ou do vestuário presentes (fig. 8).



Fig.8 Pormenor de vestuário do Ex-voto dedicado a Nossa senhora de Balsamão e ao Senhor da Costa por Leonardo da Cunha Alcoforado. Pintura sobre Madeira.

À classificação de *ex-votos médicos* exceptuam-se dois exemplares, cuja temática conduziu à inclusão de cenários de exterior. Um dos quais, cujo votante é João de Sá, não apresenta a particularidade do milagre auferido, como se pode verificar na contenção expositiva da legenda: “MILAGRE qVE FES O SÊNIOR DA COST^a | DE VALSAMA^O AJOA^O DE SA CAhm andose a ele,,”.

Tendo em conta a atitude depreendida do voto (fig. 9), o modelo de ocultação de factos pronuncia-se de forma abrangente mas em condições nem sempre idênticas. A ocultação total

²² No que respeita a doenças, a confrontação com o ex-voto colectivo permite identificar calamidades públicas: epidemias. Quanto ao mobiliário, tornou-se possível proceder a levantamentos do desenho do mobiliário presente nas representações e processo semelhante se aplica à moda. Veja-se a exemplo as considerações tecidas por Deolinda Carneiro em «Aspectos do Traje em Portugal no séc. XVIII, tendo por fonte a pintura votiva.», in *Estórias de Dor, Esperança e Festa – o Brasil em Ex-votos Portugueses (séculos XVIII e XIX)*. Mafalda Soares da Cunha (coord). Comissão Nacional dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1998, pp. 20 a 37.

do tipo de milagre é pouco recorrente. Suplanta-a em número a ocultação parcial, habitual em caso de doença e ocasionada quer pelo vulgar desconhecimento do nome das doenças contraídas, quer por um certo pudor em especificar o tipo de enfermidade. Tal como refere Salvador Rodríguez Becerra, existiam determinadas enfermidades consideradas indignas ou impróprias e que marcavam socialmente as pessoas que delas padeciam para o resto da vida²³.



Fig.9 Ex-voto dedicado ao Senhor da Costa de Balsamão por João de Sá. Pintura sobre madeira.

Assim, ambas as situações de contenção geram expressões particulares e pouco esclarecedoras: “padecendo | hum achaque grave”; “estando enferma de pe- | rigo”; “a- | chandose | molestado”; “huma Enfermidade”; “estando Perigozo”.

O outro exemplar (fig. 10) representa um episódio particular vivido por José Alves Meixedo que, aguardando a morte pela força da tempestade, invocou a protecção da Senhora de Balsamão e nesse instante cessou a sua tormenta. A pintura data de 1850 e tem a particularidade de, ao contrário das restantes, conter a assinatura do pintor.

A condição excepcional deduz-se num tema diferenciado dos restantes ex-votos pictóricos do santuário – a tempestade ou o temor do natural – e da presença do nome do autor, jacente na base da representação sob a formula: “PINTOR PEREIRA”. A expressão coloca a questão polémica da autoria e, neste caso em particular, a questão da afirmação do artista que o autor faz questão de evidenciar qualificando-se como “PINTOR”.

²³ Cf. Salvador Rodríguez BECERRA, «Formas de la Religiosidad Popular. El Exvoto: Su Valor Histórico y Etnográfico» in A.A.V.V., *La Religiosidad Popular, Antropologia e Historia*. Vol. II, Editorial Anthropos, Barcelona, 1989, p. 130.



Fig.10 Ex-voto dedicado a Nossa Senhora de Balsamão por José Alves Meixedo de Bagueixe. Pintor Pereira. 1850. Pintura sobre madeira.

Pintor de Milagres

A condição habitual do ex-voto pintado remete-o a um anonimato “crónico” e à persistência de formas de composição ao longo dos séculos, favorecidas pelo exercício dos pintores-artesãos. A alteração deste cenário avizinhou-se apenas em meados do século XIX, momento a partir do qual alguns pintores tendem a demarcar as suas obras.²⁴

Para os séculos XVIII e XIX, Fina Peres introduz a ideia de um “anonimato histórico” para distinguir o anonimato perseverante dos pintores de ex-votos aos olhos da actualidade, uma vez que considera que através das suas pinturas seriam facilmente reconhecidos pelos seus contemporâneos. Acrescenta que, actualmente, a questão do anonimato não impede o relacionar de obra e autor uma vez que são abundantes os dados individualizadores que demonstram o trabalho por uma mesma mão.²⁵

De facto, apesar de não se encontrarem assinados reconhece-se um trabalho comum em alguns dos “milagres” de Balsamão mediante a análise comparativa de factores identitários.

A proximidade estilística e do modelo de disposição leva a supor a autoria comum para o

²⁴ Cf. Fina PERES. *Op.Cit.* p. 438 e 439.

²⁵ Id. *Ibidem*, p. 439.

ex-voto de D^{na} Caetana Agostinha de Mello Monterroio (fig. 11) e o de D^{na} Maria Caetana de S. Joseph (fig. 12). A evidência das semelhanças é manifesta na caligrafia da legenda, na esquadria que a envolve, na moldura, e sobretudo na representação de Nossa Senhora de Balsamão. Em ambas as pinturas a Senhora ostentando uma flor e um vaso de bálsamos na mão e está elevada, em ambos os casos, em plintos semelhantes.



Fig.11 Ex-voto dedicado ao Senhor Cristo da Costa, Nossa Senhora de Balsamão e ao Venerável Padre Frei Casimiro por Dona Caetana Agostinha de Mello Monterroio. 1769. Pintura sobre madeira.



Fig.12 Ex-voto dedicado a Nossa Senhora de Balsamão por Dona Maria Caetana de S. José. 1771. Pintura sobre madeira.

A aplicação das cores permite reconhecer uma paleta de colorações congêneres e a proximidade cronológica apontada nas datas – 1769 e 1771 – reforça a fiabilidade da proposta. É indubitável a utilização do primeiro como modelo para o segundo, constatável em questões como a orientação de leitura do quadro e no sentido perspéctico dado no soalho.

A análise estabelecida entre outras duas obras mereceu um exercício de sobreposição de imagens deveras revelador, que certifica a afinidade plástica e dispositiva das pinturas.



Fig.13 Sobreposição dos ex-votos de Catarina Luís dos Cortiços.

A possibilidade de pertença a uma mesma votante – “Catarina Luís dos cortiços” – e a retoma de uma proximidade cronológica entre obras – 1758 e 1759 (fig. 13) – constituem adjuvantes para considerar uma autoria comum. Acresce-lhes a afinidade no tratamento plástico idêntico das nuvens que cingem as figuras sobrenaturais e a utilização de figuras orantes semelhantes. Acautela-se no entanto uma desigualdade caligráfica ao compararem-se as legendas que, não obstante, não põe em causa a autoria, mas enuncia a possibilidade do trabalho artístico procedido pelo pintor ter sido complementado por um trabalho caligráfico realizado por outro indivíduo.

Detectam-se ainda no espólio de Balsamão, a par dos ex-votos de D^{na} Caetana Agostinha de Mello Monterroio e de D^{na} Maria Caetana de S. Joseph, a permanência de uma outra caligrafia atribuível à mesma mão em outras duas tábuas. Dedicadas ao Senhor da Costa por Francisco Gil e Frei João de S. Pedro (fig. 14), não existe nelas entre si, ou em relação às anteriores, qualquer paralelo em termos compositivos.



Fig.14 Ex-voto dedicado ao Senhor da Costa de Balsamão por Francisco Gil de Vilarelhos. Segunda metade do século XVIII (?). Pintura sobre madeira. A direita, pormenor do ex-voto de Frei João de S. Pedro.

A advogar, a exiguidade do espaço destinado à legenda nuns casos, e a extensão desta noutros, fazem crer que pintura e texto são atribuíveis a indivíduos distintos. A inexistência de um cálculo acertado quanto ao espaço a conter a legenda substitui-se no ex-voto de Francisco Gil a uma total ausência do espaço reservado à escrita, que leva o *scriptor* a constringir as palavras ao espaço disponível que encontra no fundo compositivo.

Atentando aos factos, Belarmino Afonso apresentou já a hipótese de algumas pinturas e legendas poderem ser da *mão (...) hábil de algum frade pintor*.²⁶ A apreciação parece-nos sensata mas apenas quanto às legendas tendo em conta a uniformidade anteriormente verificada. Lembremos que a taxa de iletrados no decorrente período era elevada, envolvendo nela grande parte da sociedade e assim alguns pintores que, nessa condição, poderiam deixar o espaço da escrita em aberto para ser posteriormente preenchido por um religioso aquando da entrega do voto.

A possibilidade do labor de pintores em locais fixos – tendas ou oficinas – em zonas adjacentes aos santuários, levantada para outros locais²⁷, pode ser posta em causa em Balsamão pelas já supracitadas palavras de Frei Agostinho de Santa Maria. Delas se deduz a carência de pintores que se dedicassem à feitura de ex-votos na zona. Mencionam a infinitude dos milagres operados pela Virgem mas a falta de *sinaes (...) delles, como (...) quadros, & peças de cera (...) por falta de haver quem os sayba fazer*.²⁸

Um outro documento, este manuscrito, da autoria do Abade Félix Pereira de Sampaio, datado da década de vinte, toca similarmente na questão do reduzido número de ex-votos expostos no santuário. Fundamenta-o, no entanto, na inércia dos moradores. O abade, no excerto que agora se publica, referindo-se à imagem de Nossa Senhora de Balsamão, denuncia que:

He esta Senhor^a de muit^{os} milagres os coais por energia dos | moradores desta vil^a não se achaõ estampados, somen^{te} hum que | vendose Pedro Fernandez do lugar de Quintas | Freguesi^a da vil^a de Miran- |della perdido em o mar vindo em tornada do Brazil per^a | Portugal chamou pela virgem de valsamão, e immediata | mente se vio livre do perigo em que se achava. em graeifi- | cação lhe trouxe hum calis de prata com o seu nome em- | opé, e isto haverá cinco per^a seis annos,

²⁶ Cf. Belarmino AFONSO. *Op. Cit.* p.17.

²⁷ Quanto a esta questão, diz-nos Fina Peres que tendo em conta o significado que o devoto impunha na oferta da pintura votiva é lógico que, no momento em que se dispunha à entrega, pedisse informações sobre quem a poderia pintar. Remete para Joan Amades a informação de que os pintores de ex-votos mais reconhecidos utilizavam os eremitas como agentes de publicidade. Estes, por sua vez, tendo em conta a comissão que recebiam, informavam aos potenciais clientes de quem poderia servir melhor os seus intentos. Cf. Fina PERES. *Op. cit.* p. 439

²⁸ Vide nota 12.

esta capella como | as mais asima Relatadas a fabricão os naturaes desta vil^a
por- | não terem fabrica nem Rendimen^{to} ²⁹.

Ambas as fontes reportam aos inícios do século XVIII e a ter-se mantido condição semelhante nos anos subsequentes ficaria justificado, em parte, o reduzido número de ex-votos de que hoje o santuário dispõe. Todavia a maioria dos ex-votos datados apontam o trabalho de pintura para a segunda metade do século, o que pode denunciar a alteração da condição e a presença de pintores no local a partir dessa altura.

Considerando o elevado número de perdas ponderado noutros santuários tendo em conta a falta de meios de conservação para os ex-votos, parece lógico supor uma situação idêntica para Balsamão. Verifique-se inclusivamente que a colecção actual registou uma perda recente, que se pode atestar ao analisar a obra que Belarmino Afonso dedica aos ex-votos de Bragança em 1995³⁰.

Pudemos verificar outros dados que podem testemunhar o factor de perda em Balsamão. Observemos novamente o manuscrito do Abade Félix Pereira de Sampayo. O abade apresenta-nos um cálice de prata oferecido por “Pedro Fernandez” com nome do doador inscrito no pé que hoje não é possível encontrar no local.

A condição particular causada pelas invasões francesas originou uma literatura avulsa, decorrente da destruição e supressão massiva de objectos, ocasionada pela passagem das tropas em determinadas regiões. Nesse contexto, August Ludolf Friedrich Schaumann, Comissário Geral no 7º Batalhão da infantaria da legião hannoveriana, na sua segunda estadia em Portugal, entre 26 de Abril e 2 de Julho de 1809, à sua passagem por Trás-os-Montes descreve a destruição que encontra. Conta como os soldados franceses saqueavam as aldeias por onde passavam, retirando ou destruindo objectos de culto. Entre eles contavam-se imagens sagradas, candeeiros de altar, estátuas de apóstolos e santos, cálices, missais, etc., que iam encontrando nas igrejas, capelas e nos altares. Revela que os santuários haviam sido

²⁹ Fontes manuscritas, BNL, Seccção de Reservados. *Manuscritos, Códices*, COD.154 (F.4364) – Félix Pereira de Sampayo, *Novas da Vila de Chacim por ordem do muito senhor Reverendo Arcipreste do distrito de Lampaças deste Bispado de Miranda* in *Documentos Vários para a Historia Eclesiástica do Bispado de Miranda por Jozé Botelho de Mattos e Outros*. 1720, fls.29-32 (excerto do fl.30).

³⁰ No rol de pinturas referentes à colecção de ex-votos de Balsamão, Belarmino Afonso atesta que terão desaparecido dois exemplares. Aquando da nossa participação no Inventário histórico-artístico do Concelho de Macedo de Cavaleiros, observámos que a única pintura desaparecida será a que está reproduzida com o n.º14 na obra. Constámos que a pintura com o n.º 21, dada como desaparecida em 1995, estava na altura do inventário, em 2006, guardada no museu do convento. A reprodução n.º22, gera alguma confusão, pois não parece ter qualquer relação evidente com o convento, uma vez que é dedicada à Nossa Senhora do Pé da Cruz, o que nos leva a encarar a hipótese de uma outra proveniência. Cf. Belarmino AFONSO, *op. cit.*, pp. 37-53.

todos saqueados.³¹

Muitas terão sido as peças dessa história contada em quadrinhos que se perderam um pouco por todo o lado, à mercê do tempo que os desgastou, à mercê da indiferença dos homens e dos seus conflitos, à mercê do estandarte liberal que em 1834 declarou extintas as ordens religiosas, fechando-lhes os conventos, arrancando-lhes muitos dos seus bens e silenciando-lhes a voz.³²

Os milagres: uma “fonte” para a história da Arte

Subsistiram no entanto em Balsamão alguns desses pedaços de memória que, transpostas das paredes da Capela dos Cajados, hoje despidas, sustêm-se no espaço do Museu, merecendo o destaque de peças fundamentais para a compreensão da história da cultura, da devoção e da arte locais. Contam peripécias, apontam datas, desvendam ideologias, crenças e valores, reúnem alguns nomes desses pintores locais que se dividiriam entre o ofício e o trabalho dos campos, e podem ajudar a estabelecer cronologias e a aclarar as incertezas que o espaço levanta.

Segundo a ideia sugerida no início deste artigo, as obras resultantes da mencionada provisão régia de D. João V de 1733 teriam envolvido a construção de sete capelas na encosta. No entanto sobre a porta da Capela dos Cajados (fig. 15) conserva-se a data de 1777. Dos ex-votos pintados que abrigou, entre os datados, o mais antigo a fazer menção ao Senhor da Costa ajuda-nos a esclarecer a questão. Remonta a 1769! (fig.11).

Em Agosto de 2006, integrados na equipa de inventário histórico-artístico do Concelho de Macedo de Cavaleiros – durante o processo de inventário do espólio do Convento de Balsamão –, verificámos a discordância entre a data em epigrafe na capela e a escrita no ex-voto. A devoção anterior em relação à data constante da testeira da porta levou-nos aapor interrogações quanto a uma possível preexistência.

Na dependência dos factos, lançámos a hipótese de que a data de 1777 não assinalaria o *terminus* da construção mas uma segunda campanha de obras que justificaria a disparidade da

³¹ Cf. Maria Clara Loureiro Borges Paulino KULMACZ, *Arte e Património em Portugal: olhares norte-europeus (da segunda metade do século XVIII a meados do século XIX)*. Dissertação de mestrado em História da Arte em Portugal. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2001 (texto policopiado), p.86.

³² Relativamente a Balsamão, diz-nos José de Castro que “pelo decreto de 30 de Maio de 1834, o convento foi extinto, e o P. José da Cruz, egresso da casa de Balsamão, tomou-o de arrendamento. 12 objectos de prata que pesavam 1.948 oitavas sofreram a subtração de 765 que se entregaram no Tesouro. A 4 de Janeiro de 1851, mandou ao Bispo Dom Joaquim Pereira Ferraz todos os paramentos e alfaias, pertencentes ao culto divino, ficando somente em seu poder, por dificuldade de transporte, duas lâmpadas grandes e outras duas pequenas, uma candeeiro volante, dois sudários e duas peças de que ao bispo fala confidencialmente”. Cf. José de CASTRO, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Vol. II, Tipografia Porto Médico, Porto 1947, p. 272.

configuração desta capela em relação às outras, como de resto se veio a confirmar recentemente no *Protocolo da Ordem Mariana da Imaculada Conceição*³³.



Fig.15 Fotografia da Capela dos Cajados e da muralha.
Fonte: Marianos da Imaculada Conceição (foto de meados do século XX).

A alteração de uma arquitectura preexistente resulta do aumento gradual da devoção para com o Senhor dos Passos, que a tradição popular ali designou de Senhor da Costa de Balsamão. É ele o Senhor das Dores, o Senhor dos Caminhos, o Senhor dos Aflitos, O que carrega o peso do mundo nos ombros, o Cristo mais humano e mais vulnerável, e por isso aquele a quem os homens mais recorrem na hora da aflição e da inquietação. É Ele uma das figuras dominantes dos “milagres”, das “promessas”, no dizer do povo. Dedicavam-se-lhe os cabelos longos das jovens, as voltas em torno das capelas, os silêncios no caminhar dos peregrinos, as velas e as figurinhas de cera – imagens do dom alcançado, clamores de súplica – ofereciam-se-lhe as dores.

A conjectura esclarecida em torno da capela teve como princípio primeiro a sugestão retirada de um “milagre”, evidenciando a riqueza que encerrava esta tabuinha. Um pouco por todo o país importa questionar estes documentos para além dos campos restritos onde se têm

³³ [Referente ao pedido de sagração da Capela dos Cajados para ali se puder dizer missa] “Ex.mo e R.mo Snr. Diz Fr. Aleixo de S. Octav.º Superior em Balsamão que havendo neste santuario huas capelas de passos de N.º Snr entre as quaes tem o maior concurso dos Fieis a capella dos Snr com a cruz as costas pelos frequentes milagras, por cuja cauza lhe offerecem os devotos frequentes esmolos p.ª missas; á qual obrigação dezejando o Supp.te satisfazer melhor, concorrendo p.ª isso hua devota pessoa se mandou adornar a d.ª capella com a decência necess.ª p.ª nella se poder celebrar o sacrificio da missa; pelo que P.ª V. Ex.ª R.ma se digne conceder licença p.ª se benzer e dizer missa em a d.ª capella.” 22 de Outubro de 1764. Padre Frei Aleixo de S. Octaviano FISCHER, *op. cit.*, fl. 151.

[Referente à sagração da dita capela] “18 de Julho se benzeo a capella do S.r da costa, com bastantes clérigos e cantou a missa de dedicacao o R. Abb. e, a qual mais conforme ao (...) se havia cantar de sancto, como elle na verd.e queria, mas pelo por se fiar em mi, e eu por mais q.eu 3 dias busquei não havia achar-la nos authores das ceremonias [...]” 1777. Id. *Ibidem*, fl.226.

Agradecemos a documentação que nos foi atempadamente fornecida pelo Dr. Lécio da Cruz Leal e pela Dr.ª Lília Pereira Silva que confirma a proposta anteriormente colocada a partir da data constante no ex-voto.

mantido encerrados, de modo a suscitar novas pesquisas e interpelações.

Doravante, para tal seja possível, importa continuar a sensibilizar os detentores destas, e de outras peças de valor histórico-patrimonial, a tomarem medidas de responsabilidade e, na necessidade de uma intervenção, entregar as peças aos cuidados de salvaguarda dos técnicos especializados de conservação e restauro.